

Caiado pressiona e leva Centrão a romper o acordo

Da Sucursal de Brasília

O presidente da União Democrática Ruralista (UDR), Ronaldo Caiado, mais uma vez, comandou a oposição mais radical a qualquer tentativa de acordo sobre aquele item. Novamente levou os líderes mais à direita do Centrão a recuarem de um acordo praticamente selado às 18h. Pessoalmente, enviou ao deputado Ulysses Guimarães (SP), presidente da Constituinte, uma delegação de deputados para tentar reverter o acordo virtualmente selado na sala de Covas.

Caiado acusou o senador Mário Covas (SP) de "demagogo", "manipulador" e de artífice da "destruição do setor produtivo do país", por insistir num acordo sobre a reforma agrária subordinando a propriedade produtiva ao cumprimento de sua função social.

Os deputados que foram a Ulysses são José Lourenço (PFL-BA), Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), Rosa Prata (PMDB-MG) e Alysso Paulinelli (PFL-MG). Voltaram depois a Covas para dizer que não haveria mais acordo. Desde o início da tarde, porém, os líderes rurais vinculados à UDR resistiam a aceitar a negociação em curso.

Reunidos na sede brasiliense da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), os principais líderes rurais do país divulgaram um texto que consideram sua "proposta final de acordo", como disse o advogado da UDR, Cesmar Moura. O texto foi assinado por Flávio Telles de Menezes (Sociedade Rural Brasileira), Ronaldo Caiado (UDR), Roberto Rodrigues (OCB), mais Alysso Paulinelli, deputado federal do PFL mineiro, o principal negociador do Centrão.

O texto "final", entretanto, sequer foi considerado, quando chegou à mesa de negociação, na sala de Covas. "Já vi mais de trezentas propostas finais. De lado a lado" —ironizou o senador José Richa (PMDB-PR). A proposta dizia: "as propriedades produtivas, insuscetíveis de desapropriação, que não atendam ao disposto no artigo 220 (que define a função social), terão prazos e modos adequados fixados em lei para fazê-lo, asseguradas as condições que independam do proprietário".

Ao mesmo tempo, devido à derrota do Centrão na votação de quarta-feira, a UDR modificou sua forma de pressão. Passou a assediá-los deputados que votaram contra a proposta do Centrão. Foi o caso, por exemplo do deputado Geraldo Alckmin (PMDB-SP), de uma família de proprietários rurais na região do Vale do Paraíba, que integra o bloco de centro-esquerda do PMDB e faz parte do grupo Covas em São Paulo.

"A UDR acionou suas bases para pressionar os deputados ligados à agricultura. Recebi hoje telefonemas de tudo quanto é lado. Gente me perguntando por que eu estou votando contra a agricultura" —disse Alckmin. "Tive que explicar a cada um deles que ninguém está contra a propriedade produtiva, nem contra a agricultura. Não me intimido com patrulha nem de esquerda, nem de direita, busco o acordo", disse, irritado.

Ronaldo Caiado, ontem, fixou seu quartel-general no Congresso numa sala no gabinete do deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ), do Centrão. De lá, fez sucessivas reuniões e comandou pessoalmente a reação ao acordo das cerca de cem militantes da UDR espalhados pelos corredores do Congresso.

Quando o acordo estava praticamente acertado, no início da noite, Caiado despejou seus argumentos contra Mário Covas. "Não aceitamos este acordo que é a manipulação do sr. Mário Covas. Ele é engenheiro, fez um acordo com o setor urbano para atender a seus interesses. É um demagogo" —disse.

"Se ele (Covas) está querendo confundir proprietário de terra com especulador está muito enganado. Está querendo destruir o setor produtivo do país. E isso eu não vou deixar. Esse acordo foi uma vitória dos que querem levar este país à tese do quanto pior, melhor".

Pouco depois do início da sessão, o presidente nacional da UDR, Ronaldo Caiado, chegou ao Salão Negro do Congresso para subir à tribuna de honra das galerias. A passos largos, ladeado por Flávio Telles de Menezes, da Sociedade Rural Brasileira, e por Roberto Rodrigues, da Organização das Cooperativas Brasileiras, ele chegou ao lugar numerado no instante em que os últimos constituintes votavam a emenda do Centrão.

"Vocês deviam denunciar isso", bradava Caiado, queixando-se que a segurança barrara os manifestantes da UDR na entrada. Os agentes conferiam numa lista cada senha com o parlamentar correspondente, depois que foram apreendidas anteriormente senhas falsificadas. "Tinha mais de 15 de um só deputado", disse Fernando Paulucci, chefe da segurança da Câmara.

Da tribuna, Caiado fazia sinais de vitória para Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA) e outros parlamentares do Centrão. Instalado o "buro negro", o líder da UDR comandou a comemoração, puxando a palavra de ordem ("É terra produtiva"). "Vamos nos reunir, o Flávio, o Roberto, o Gilman (da Confederação Nacional da Agricultura) para redigir o texto da nossa emenda" disse.



O deputado Roberto Cardoso Alves posa para a foto ao lado de jovens militantes da UDR

Covas e juventude ruralista armam discussão

Da Sucursal de Brasília

Repetiu-se ontem, às 13h, na saída da Câmara dos Deputados, o cerco de jovens integrantes da UDR a um parlamentar. Na quarta-feira, o senador José Richa (PMDB-PR) e a deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) haviam sido abordados na lanchonete. Ontem, o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas (SP), discutiu durante meia hora com mais de 20 fazendeiros.

Covas deixava seu gabinete para almoçar, acompanhado pelo professor de direito tributário da faculdade do Largo de São Francisco (USP), José Afonso da Silva e pelo seu assessor técnico, José Lucena Dantas, quando um jovem perguntou: "Porque vocês querem desapropriar as terras produtivas?" Covas respondeu: "Ninguém está querendo isto", dando a senha para o início da discussão.

Como fazendeiros que iam passando entravam na discussão, sempre voltando à mesma pergunta, a temperatura da conversa aumentou várias vezes. Ao ver Covas cercado, os deputados João Cunha (PMDB-SP), Percival Muniz (PMDB-MT), e Antero de Barros (PMDB-MT), tentaram um de cada vez, retirar o

Lunardelli teve bois apreendidos pelo Cruzado

Da Redação

Um dos pecuaristas atingidos com a medida de desapropriação de bois na época do Plano Cruzado foi o fazendeiro Sérgio Lunardelli, proprietário da Fazenda Trevo, na localidade de Itapura, município de Pereira Barreto (750 km a noroeste de São Paulo). "Tinha que haver um Cristo e parece que eu fui sorteado", afirmou Lunardelli, na época. Teve confiscadas mil cabeças de gado.

senador do local: "Não vou não. Deixa eu ficar aqui que eu estou adorando essa discussão. É do tipo que eu gosto".

O interlocutor principal de Covas foi Alexandre Lunardelli, 28, fazendeiro em Itapura, noroeste de São Paulo. Na fazenda de seus pais, em outubro de 86, o governo federal realizou uma grande operação de confisco ao boi. A fazenda dos Lunardelli foi a única de São Paulo atingida pelo confisco na época e o governo, depois, reconheceu o fracasso da operação ao deparar-se com os bois magros apreendidos.

Na fazenda, as equipes da Sunab, Polícia Federal e Receita Federal constataram que teria havido a tentativa de esconder, em pastos de outras fazendas, as reses confiscadas. O cumprimento à liminar de desapropriação deu-se na fazenda vizinha. O fato foi relatado pelo ex-ministro da Fazenda Dilson Fuararo, contestando a informação de que Lunardelli havia incluído duzentas reses já vendidas no lote desapropriado.

"O problema", disse Covas "é que você nem os demais leram a emenda José Lins (PFL-CE) que é a base para o acordo que, ontem, não saiu por pouco". De emenda na mão, explicou o senador: "Está dito aqui que haverá uma lei para especificar quais exigências mínimas complementares serão necessárias antes de se desapropriar e se for o caso". Lunardelli respondeu: "Mas isto é discriminação". Covas voltou ao tema, entre gritos e apartes de outros fazendeiros e Lunardelli dez minutos depois, parecia estar convencido.

Depois, diria: "Ele é muito hábil, explicou direito, mas ainda acho que é discriminação". Covas, ao ouvir de outro fazendeiro que poderia "perder votos", respondeu: "você jamais me ouvirá dizer que sou contra a desapropriação de propriedades produtivas se isto for do interesse social". Diante do silêncio, neste instante, completou: "Perca quantos milhões de votos perder, não votarei contra os meus princípios. Quero poder dormir à noite".

"Eu também quero", respondeu um fazendeiro que, chegando, reiniciou a discussão no ponto de partida. Já às 13h30, pouco antes de entrar em seu carro, os jovens fazendeiros de Ponta Grossa que, na véspera, haviam interpelado Richa e Sandra Cavalcanti, cercaram Covas. Por mais 10 minutos o tema foi retomado.

Perdido na troca de palavras e citações do acordo em discussão, o jovem ruralista foi perdendo o ímpeto. Com um "até daqui a pouco" e o constrangido aperto de mãos de três jovens ruralistas, o entevisto terminou. "Ele é esperto, mas querem tomar nossas terras", ainda murmurou Marcio Ferreira, 21, enquanto o senador deixava o Congresso rumo a seu apartamento.